

24 Mar. 1983, Capital/Lisboa

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA

Publicação A Capital

Local Lisboa

Data 14/03/83 Série

N.º

ENTRE FANGUEIROS E OS DE ESPOSENDE

ANDAM «ondas no ar» lá para as margens do rio Cávado, onde os que, pretendendo manter acesa a «chama» do exacerbado bairrismo que «divide» esposendenses e fangueiros — todos do mesmo concelho —, procuram manter em disputa aquilo que mais não sendo do que umas tantas «tricas» de «alecrim e manjêrona», já se tornou conhecido pela «guerra da lampreia». Um problema que nos últimos dias voltou a ser despoletado e vem alimentando a politiquice dos cafés ou tabernas da preferência dos pescadores de uma e outra localidade. No centro da questão está a disputa da excelente lampreia que aquele rio proporciona e cujo produto de venda, na quadra invernosa, vai ajudar a resolver muitos problemas durante o resto do ano a duas ou mais centenas de famílias de Fão e Esposende. Na base das acusações recíprocas que vêm sendo trocadas estão as «artes» de pesca utilizadas, ou seja, os métodos e aparelhos que uns e outros usam.

As acusações formuladas têm um fundamento relativo; já que as «artes» estão permitidas não só por preceitos legais há mais de 50 anos em vigor, como, ainda, por outros, elaborados já depois do 25 de Abril de 1974.

Para que melhor se possa compreender o que se passa entre esposendenses e fangueiros, convirá dizer que cada lampreia pescada por uns ou «perdida» por outros, vale no início de cada época dois mil e quinhentos escudos ou mais, pagando-se ainda agora, mesmo sem intermediário e sem «trabalho» de passar pela lota, um mínimo de uma nota de conto.

Não fosse a lampreia um ciclóstomo apreciadíssimo pelos mais exigentes de paladar e, certamente, as «vagas» que agora ali alguns pretendem fazer erguer, passariam despercebidas.

A importância que a lampreia representa para o pescador daquela região — quer seja o que se divide pelo rio e mar, ou pelo Cávado e outras actividades profissionais, como sejam o amanho dos campos ou a construção civil — torna-se evidente em cada fim da tarde ou madrugada, se nos detivermos ao longo da ponte que separa Esposende (sede de concelho) da freguesia que também quer ser vila e possui como principal

fonte de riqueza os rendimentos que o turismo para ali canaliza através desse pequeno oásis turístico que é Ofir.

Valia a palavra

O concelho de Esposende, ao qual pertence Fão, tem para os habitantes das duas localidades, como principais fontes de riqueza, a pesca e o turismo. Ao mar, de Verão e Inverno, «fazem-se uns e outros», sem que isso provoque qualquer conflito, pois, como ali ouvimos, «o mar é grande, imenso e chega para todos».

O mesmo não se poderá dizer no que toca ao rio e em especial quando se trata da pesca da lampreia, a uns tantos só permitida da ponte para baixo, já que aquém da mesma os «senhores» que ali dominam são outros.

Durante gerações sucessivas, fangueiros e esposendenses pescaram livremente no Cávado, até que em Abril de 1931 surgiu o Decreto-Lei 19 634 que, regulando a pesca no rio Lima, tornou-se-la já em Março de 1932, por despacho ministerial, extensivo ao Cávado.

Então, durante muitos anos e até uma decisão tomada num dos governos de Vasco Gonçalves, foi a «arte» da estacada que prevaleceu. Tanto como o acordo que nos primeiros dias de cada ano firmavam na Capitania da sede do concelho, valiam as palavras quer dos velhos «lobos do mar» quer dos mais novos. Assim, durante cada época da pesca da lampreia, os pescadores de Esposende tinham três em cada cinco noites de rio, cabendo aos fangueiros as duas restantes. Uns e outros dividiam «religiosamente», entre

os seus, os dias que lhes ca-
biam. Queria isto dizer que lo-
go nos primeiros dias de Janeiro,
um pouco abaixo da ponte
que liga Fão a Esposende, eram
erguidas as estacas, em forma
de V, e em cujas redes, por uns
e outros montadas, acabavam
por ser esperadas as lampreias,
que depois eram fígadas, daí
transitando para as cozinhas de
restaurantes ou hotéis. Não só
da localidade, como de Lisboa
e Porto, ou ainda para os ces-
tos das peixeiras, que as erguem
e com elas acenam da margem
da estrada a cada automobilis-
ta que passa.

Documento de 1975

Só que na sequência de ou-
tras movimentações, que ao tem-
po foram notícia no nosso jornal,
os pescadores de Esposende man-
ifestaram-se em Fevereiro de
1975 junto da Capitania local,
reclamando que a pesca da lam-
preia passasse a ser livre. Hou-
ve uma reunião, presidida pelo
capitão do Porto, à qual compa-
receram 82 pescadores daquela
localidade, tendo-se os de Fão
recusado a comparecer. No fi-
nal, a sugestão apresentada con-
tou com 81 votos e um nulo,
segundo recorda agora o dele-
gado marítimo local, o 1.º-tenen-
te Amável Roque Baptista, um
marinheiro que dia e noite pro-
cura estar atento aos problemas
dos homens do mar (e também
do rio), ajudando-os a resolver
as situações que se vão depa-
rando.

Do documento elaborado na
referida reunião e enviado às en-
tidades competentes, a Secre-
taria de Estado das Pescas no-
meou uma comissão que estudou
o assunto, acabando por emitir
parecer no qual se diz textual-
mente que «é de manter a auto-
rização já dada a título precário
e até ulterior resolução em face
de elementos e estudos que en-
tretanto se obtêm, com vista
à revisão da lei da pesca em
águas interiores».

«Este documento funciona pa-
ra mim como "material" de tra-
balho. É sobre ele que tenho de
debruçar-me, pois é legal, e em-
bora tratando-se de uma "auto-
rização concedida a título precá-
rio e até ulterior resolução", ain-
da não foi revogada por nova
legislação», afirmou-nos ainda o
tenente Amável Baptista quando
interrogado por «A Capital» a
respeito de umas tantas vozes
(poucas) que recentemente pre-
tenderam mais uma vez agitar o
velho problema.

Duas «leis» no mesmo rio

Passando os pescadores de Es-
posende a optar pela pesca livre
no rio Cávado, este passou a
contar com duas «leis». Há a
arte de pesca do «galheiro» ou
do «bicheiro», sendo o primeiro
uma vara comprida na ponta da
qual (e em redor) se encontram
amarrados cinco anzóis com bar-
bela; quanto ao «bicheiro», tra-
ta-se do mesmo instrumento, só
que mais pequeno. E enquanto
o primeiro é utilizado, de dia ou
de noite, das amuradas do porto
ou com o homem colocado sob-
re os penedos, aguardando ali,
pacientemente, a sombra de ca-
da lampreia que val ser apanha-
da, o outro permite que o pes-
cador se mova pelos seus pró-
prios pés e se desloque confor-
me a conveniência de assim
apanhar mais aqui ou ali o ci-
clóstomo.

Embora nada os proíba de tal,
desde 1975 os esposendenses
abandonaram a pesca da estaca-
ria, o que significa afirmar que
não invadem «terreno» dos fan-
gueiros.

Estes, por seu lado, tal como
nas últimas décadas e uma vez
que optaram por ignorar a reu-
nião de 1975, mantêm a «arte»
de então, montando e estacaria
ali, quase sob a ponte. Este ano,
por exemplo, são cinco as com-
panhas que em iguais números
de dias alternam a pescaria des-
de o fim da tarde até de madru-
gada. Cada companhia (ali conhe-
cida por «estacada») tem entre
10 e 16 homens, dependendo do
critério do mestre, que normal-
mente também é proprietário de
pelo menos uma embarcação uti-
lizada, ou igual número de re-
des.

Só que aqui é que começam
os problemas e também as lutas
que procuram agitar os ânimos.
Enquanto, como referimos, os es-
posendenses não sobem a «ter-
reno» de Fão — embora nada os
proíba de poderem montar esta-
cada a cerca de 300 metros da-
quela —, os fangueiros, uma vez
por outra, e por vezes diariamen-

te, descem até junto do cais de
Esposende, e el-los, como estes,
de bicheiro e guicheiro nas mãos.

«São dois tipos de pescadores
totalmente diferentes na sua ma-
neira de ser», disse-nos uma fi-
gura local que bem conhece al-
guns aspectos do por vezes doen-
toso bairrismo.

No que diz ainda respeito aos
homens do rio e mar de Fão,
alguns destes, corajosamente,
apontaram-nos o dedo da «feri-
da», colocando a nu situações
de desequilíbrio que concorrem
para um certo mal-estar que ali
ressalta entre homens do mesmo
ofício.

Houve mesmo quem nos afir-
masse: «Nós não nos podemos
queixar. Mantemos um tipo de
"arte" porque pensamos ser a
que mais resulta.»

«A culpa é de dois ou três mestres»

«Há aqui dois ou três mestres
que com o procedimento que
usam contribuem para toda uma
"guerra" que nos envergonha. A

culpa, repito, é de dois ou três
mestres lampreiros de Fão que
pretendem ganhá-lo todo, permi-
tindo que o pescador leve pouco
mais do que uma esmola para
casa.» Um dos que assim nos fa-
lou foi Manuel Carneiro, de 34
anos de idade, 10 dos quais de
rio e que com nove outros ele-
mentos faz parte da «Estacada do
Carneiro», por acaso de seu pai.

«Entre nós, o rendimento de
cada noite é dividido em partes
iguais por todos os da compa-
nha. Ninguém come mais do que
os outros. Porque assim é, há
para aí uns tantos que se mor-
dem de inveja, eles que explo-
ram o pescador em quanto po-
dem.»

A propósito, Manuel Carneiro,
tal como aconteceria com seu pai
e ainda outros, foi-nos dizendo:

«Há estacadas que utilizando
por exemplo 12 homens, dividem
o resultado de uma noite em 25
partes, cabendo ao mestre 12 ou
13, só porque ele retirou quin-
hões para as suas redes, para
o barco, etc., etc. Um exemplo:
Determinado pescador — cujo no-
me nos foi referido — em seis
noitadas de rio não chegou a



Vendida por vezes na berma da estrada, a lampreia é uma iguaria das mais procuradas nos restaurantes minhotos

auffer mil escudos, enquanto o mestre conseguiu várias vezes mais.»

Um outro fangueiro, também aborrecido «com a 'democracia' do mestre», revelou:

«As vezes nós bem queremos dizer «não», ou que chega de exploração. Só que se o fazemos, no ano seguinte o mestre tudo fará para que não tenhamos matrícula, impedindo-nos assim de pescar.»

Um outro aspecto:

«Por vezes bem queremos ver aumentado o nosso quinhão. No entanto, o mestre fala mais alto, porque tem mais força, já que ganha mais, e impede-nos que entremos na estacada com as redes que porventura possuímos.»

Quanto à acusação que ouvimos ao mestre Arménio, um dos acusados de não dividir democraticamente os rendimentos de cada noite, ou ainda a um pescador nas últimas horas ali apontado a dedo, como sendo o autor (ou ter estado na origem) de determinada notícia vinda a público e que agitou os ânimos — de que os de Esposende praticam a ilegalidade, nomeadamente pescando com candelos ou colocando redes (tremalhos) à saída da barra para assim impedirem que as lampreias subam o rio até à estacada, ela parece não ter consistência.

«É falso. Os 'tremalhos' são utilizados para outro tipo de peixe do rio. Nós somos um tipo de gente diferente, onde a frequência da taberna não altera a nossa forma de ser», disse-nos um esposendense, logo apoiado por vários outros.

O mesmo, como que pretendendo confirmar as suas palavras, chamou-nos a atenção para um «tremalho» montado ali mesmo à boca da barra por gente de Fão, que se movimentava numa embarcação motorizada.

«Tenho estado atento a todas estas questões e sou levado a concluir que as acusações com que alguns pretendem cavar fosso entre homens da mesma profissão, do mesmo concelho, não têm razão de existir.»

«Exploram o pescador»

Adiantar-nos-ia ainda o tenente Amável Baptista, também ele atento às perseguições que porventura alguns mestres tentem fazer a pescadores, que se lamentam da exploração de que são vítimas:

«Ninguém será perseguido ou tão pouco será afectado nos seus direitos. Não permitirei que isso aconteça.»

O delegado marítimo de Esposende referiu o facto de que não obstante nesta época já terem sido pescadas algumas centenas de lampreias, apenas 61 foram

14 Jan. 1983, Capital (A), Lisboa



Ânimos alterados: os mestres Arménio e Carneiro discutem os direitos dos seus homens

“GUERRA DA LAMPREIA” AGITA FOZ DO CÁVADO

«dadas» à luta para efeito de impostos.

«A maior vergonha de tudo isto é a mentira. São camaradas nossos, parece, os que mais exploram o pescador, que apenas fornece o corpo para o trabalho. São eles quem faz descer a máscara, dizendo que só pescaram meia dúzia ou uma dúzia de lampreias esta época. Como se alguém acreditasse nisso ou se nós, pescadores, arriscássemos toda uma vida no rio ou no mar só para mostrar generosidade. Se pescamos pelas estacas é porque estamos convencidos que dá mais resultado. Se as lampreias não aparecessem certamente que desistiríamos, pois não andamos à pesca só para agradecer.» Isto disse-nos, por sua vez, o mestre Carneiro, um homem de 55 anos e que com alguma satisfação nos adiantou:

«Os meus homens agarram-se ao trabalho. Quando o rio ou o mar não dá, sabem fazer outra coisa. Por isso singramos e daí a inveja daqueles que pouco ou nada fazem, mas antes exploram os desgraçados. Porque assim é, porque a boca do mestre é igual à do simples pescador, cá na minha campanha todos recebem igual. Claro que esta democracia faz engulhos a alguns, mas isso não me importa. Os outros, esses de que falei, não fazem falta.»

Quando retirámos de junto da taberna de Fão, os homens da estacada de Carneiro insurgiram-se em boa voz contra o Arménio:

«Isto é quase diário», segredou-nos alguém ao lado, que foi dizendo: «Não tardará que andem uns sopapos no ar. E nem se

admire quem vai vencer. Há pescadores de certas estacadas que muito gostariam de ver os seus mestres apanharem umas boas sovas, só para que aprendessem a não comer tudo.»

«Lá vem uma!»

Já de noite, e nossa reportagem subiu a margem do Cávado, desde a barra de Esposende até à ponte. Aí e ali, homens corajosos, de «barba rija» e mãos rugosas, seguram firmemente os bicheiros e galheiros ou, mais acima, manobram a embarcação junto da estacada. Os olhos de uns a outros estão fixos na água do rio, de onde, num ponto ou noutro, sobressai um candeiolo, qual pírilampo.

A monotonia é a tempos quebrada pelo «lá vem uma». É a lampreia que delicia os bons gastrónomos, disputada no Norte e em especial no Minho.

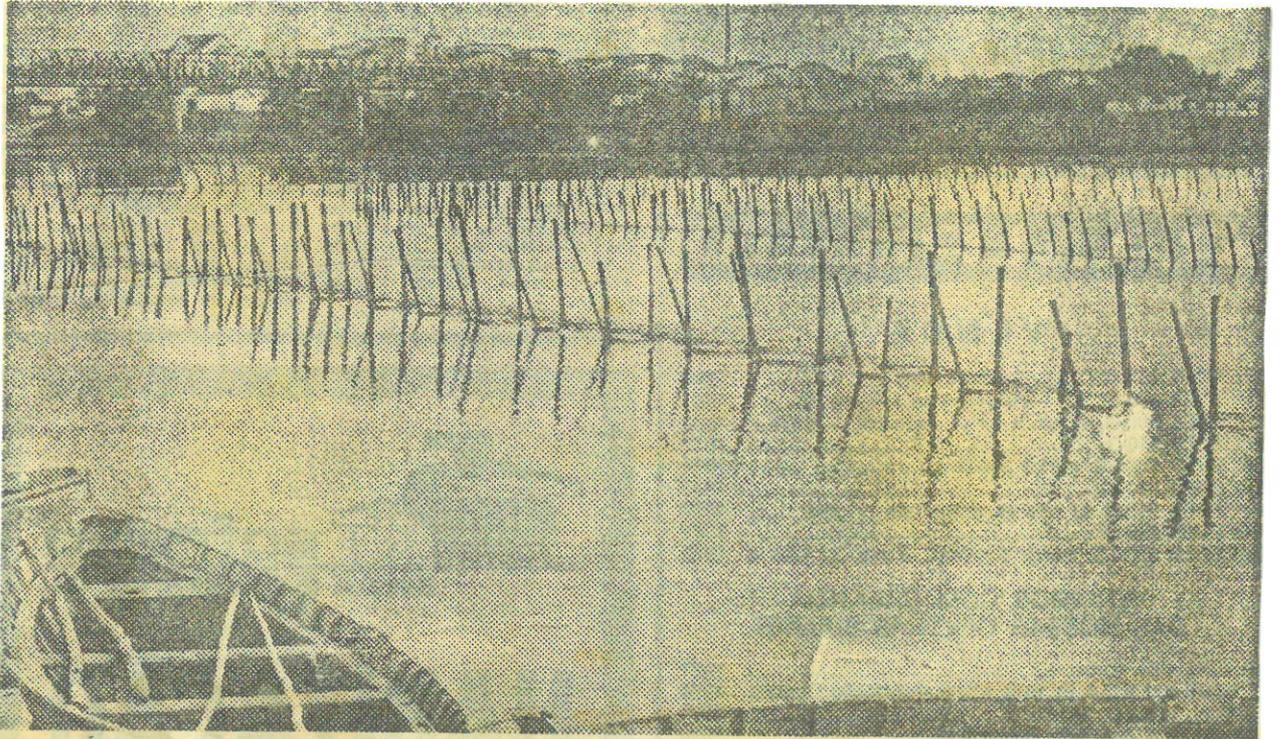
«Quem vê a guerra da lampreia apercebe-se de que se trata de uma questão de nada e só existe dada a falta de verdade de um ou outro», assegurou-nos o tenente Amável Baptista, já na despedida da nossa reportagem. Ele é um homem do mar que os lampreiros respeitam e que, quando previamente por nós contactado, nos tinha dito: «A guerra só é fomentada à força de imaginações mais férteis. Venham até cá, vejam como é e depois terão a verdade nas vossas mãos.»

Ela aqui fica. E a realidade é que os problemas existem. O «armistício» pode levar tempo a assinar.

ALFREDO MOURÃO
(TEXTO)
FRANCISCO NEVES
(FOTOS)



Para o 1.º-tenente Amável Baptista, a «guerra» da lampreia tem muito a ver com a imaginação fértil dos que exageram as razões do fundo



Uma das «artes» da pesca da lampreia é a «estacaria», agora utilizada pelos fangueiros